



A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Silvia Cristina Barros de Souza Hall¹

Yuri Pinho da Silva²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo descrever como oito habitantes da comunidade de Inanu, localizada no interior do Pará, lidam com a presença recente da língua inglesa dentro da comunidade. Nas regiões ribeirinhas, percebe-se a introdução da língua inglesa no repertório linguístico dos comunitários principalmente através do currículo estudantil, montado a partir das diretrizes do Ministério da Educação para as séries do Ensino Fundamental, a partir do 6º ano. Com o advento da globalização, concebido a partir da mobilidade de pessoas, da comunicação digital, da atenção às questões da diversidade e da mistura de línguas percebemos que, após a chegada da internet à esta comunidade ribeirinha, a língua inglesa ganhou cada vez mais espaço nas práticas diárias dos participantes, sejam elas linguísticas ou culturais. Dessa forma, focando em indivíduos posicionados no mundo globalizado contemporâneo, percebemos que os participantes não mais se definem apenas dentro de fronteiras linguísticas, geograficamente e socialmente impostas.

Palavras-Chave: Práticas de linguagem situadas. Língua adicional. Globalização

ENGLISH SPOKEN, LIVED AND INTERPRETED IN THE COMMUNITY OF IMANU

Abstract

This work aims at defining how eight inhabitants of the community of Inanu, located in the interior of Pará, deal with the recent presence of the English language within the community. In the riverside regions, the introduction of the English language in the linguistic repertoire of the inhabitants is perceived mainly through the student curriculum, assembled from the guidelines of the Ministry of Education for the grades of Elementary School, from the 6th year. With the advent of globalization, shaped by the mobility of people, digital communication, attention to issues of diversity and the mixing of languages we identified that, after the arrival of the internet in the riverside community, the English language has gained more and more space in the daily practices of the participants, whether linguistic or cultural ones. Thus, focusing on individuals positioned in the contemporary globalized world, we

¹ Doutora em Inglês – Estudos Linguísticos (UFSC). Docente do Instituto de Ciências da Educação (UFOPA).

² Licenciado em Letras- Português/Inglês (UFOPA)

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

noticed that the participants no longer define themselves only within linguistic, geographically and socially imposed boundaries.

Keywords: Situated linguistic practices. Additional language. Globalization

1. INTRODUÇÃO

A colonização na Amazônia brasileira, assim como a diversidade populacional amazônica, tem sua origem na intensa exploração comercial que sempre esteve presente na região, iniciando com o comércio das drogas do sertão nos séculos XVI e XVII, passando pelas políticas ocupacionais promovidas pelo Governo Vargas em sua Marcha para o Oeste no período de 1930 a 1945 e a exploração de minérios abundantes no território amazônico. Esses grandes movimentos carregaram consigo não só o progresso, mas uma série de povos com os mais diferentes tipos de práticas culturais, identidades e modos de vivência em sociedade.

Estas disparidades de indivíduos vão de encontro à cultura já estabelecida no local, basicamente formada por famílias descendentes de indígenas e quilombolas, causando estranhamento devido ao modo como os povos da região lidam com as adversidades e com a natureza, incluindo nestes, os saberes que acompanham os povos locais ou tradicionais. Com o passar dos anos, estabeleceu-se no território amazônico, vilas afastadas das grandes cidades e que fincaram raízes ao longo dos rios que banham a região, dando origem a um povo que mescla o conhecimento de povos brancos e negros, porém tendo a prevalência dos costumes de povos da região, conforme Arenz (2000, pág. 12): “resgatando os eixos principais das culturas de seus antepassados indígenas, tanto em termos econômicos (integração à natureza, extrativismo vegetal) e sociais (vivência autônoma em pequenas comunidades).” Desse modo, mantendo a forte influência indígena na composição de suas populações e também no acervo de conhecimento sobre a natureza e nas tradições populares, nas vilas que hoje são conhecidas como comunidades ribeirinhas.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Quando se fala em identidade amazônica, as comunidades ribeirinhas logo são lembradas, devido ao caráter indissociável da relação homem e floresta no interior da Amazônia, tendo nas matas, rios e campos como principal meio de subsistência e de identificação como povo e cultura. Os povos amazônidas carregam consigo um elo muito forte com a natureza; é uma ligação passada de pai para filho que se reflete nos meios pelos quais estabelecem a relação com o mundo à sua volta.

A tradição é algo de grande importância na cultura do ribeirinho, pois permite aos novos membros da comunidade vivenciar algo que fez parte do cotidiano de seus antepassados, como por exemplo, a confecção de utensílios utilizados na roça, como os paneiros³ e tipitis⁴ ou a construção de canoas para a pesca nos rios. São formas de criar que intrigam cientificamente, pois para a época da fabricação dos primeiros modelos não havia uma fórmula pronta para dar vida àquele objeto, isso se constitui um dos aspectos culturais e identitários mais fascinantes do saber ribeirinho.

Estas populações trazem o rio em seu sangue, pois através deles fazem o contato com outras vilas de sua região; os rios são principais aliados no quesito subsistência, assim como a coleta de produtos naturais, a agricultura e a pecuária de pequeno porte e a caça, tendo a natureza norteando o tempo de colheita, plantio e pesca, através das vazantes e cheias dos rios da Amazônia. E nesse ir e vir do rio, as mudanças vão ocorrendo, a tecnologia antes monopólio das grandes cidades acaba batendo à porta dos moradores, trazendo novos conhecimentos e transformando as vilas, dando uma nova resignificação às visões de realidade que a comunidade possui, possibilitando também a oportunidade de ser vista e ouvida e levar sua forma de viver e pensar a outras localidades, sem sair de suas casas.

³ Utensílio utilizado para transportar mandioca ou farinha, neste último caso, é vedado com folhas de bananeira. É trançado a partir das cascas de uma árvore. A palavra paneiro é híbrida, vem do tupy - PANÁ (cesto) com o sufixo português - EIRO que expressa uso, finalidade e profissão (paná + eiro = Paneiro). Fonte: Coisas da roça. Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

⁴ Tipiti – É o nome dado à prensa construída artesanalmente para extrair o suco da mandioca antes de levá-la ao forno. É trançado a partir dos caules de uma palmeira, de forma resistente, de tal maneira, que aguenta o peso de uma pessoa adulta.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Com base em dados gerados através de uma observação participante, entrevistas e diários de campo, este estudo focou no modo como oito habitantes da comunidade Inanu, região do Lago Grande em Santarém, oeste do Pará, lidavam com a presença recente da língua inglesa dentro da comunidade. Nas regiões ribeirinhas, percebe-se a introdução da língua inglesa no repertório linguísticos dos comunitários principalmente através do currículo estudantil, montado a partir das diretrizes do Ministério da Educação para as séries do Ensino Fundamental, a partir do 6º ano. O conteúdo trabalhado em sala de aula, de acordo com os participantes, muitas vezes apresenta situações e contextos que o aluno não conhece, ou que não está ligado à sua cultura e que também ele não vivencia em suas práticas linguísticas/culturais diárias.

2. O CONTEXTO DA PESQUISA: A COMUNIDADE INANU

A palavra Inanu tem sua origem alusiva a um pássaro chamado *anu*, que existia em grande quantidade nas matas da localidade onde hoje é a comunidade. A comunidade não tem uma data específica de fundação, mas calcula-se que devido a fatores tais como a abundância de pesca e caça e a proximidade com o rio, o deslocamento para a área dos primeiros moradores tenha sido iniciado por volta do ano de 1800. Dilvan Vieira, em seu trabalho “A História da Comunidade de Inanu”, afirma que o local era composto por matas ainda não desbravadas, abundantes em produtos naturais comestíveis, assim como a caça e a pesca, esta última devido ao rio nesta região localizar-se em uma enseada, tendo a fartura de peixe como meio principal de subsistência dos moradores.

Os primeiros habitantes da região viviam também do cultivo de pequenos roçados de onde extraíam a mandioca e de onde produziam seus derivados, tais como a farinha, tapioca, polvilho, beiju de mandioca, beiju de tapioca, farinha de carimã, entre outros; a existência de barro propiciou a fabricação de utensílios de cozinha tais como o alguidar (usado para amolecer a bacaba e o açaí, de onde era produzido o vinho dessas frutas); torrador (forno), utilizado para fabricar os diferentes tipos de beiju; potes para armazenar a água; panelas de barro e a *gaçaba*

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

(espécie de bica), onde era guardada a *tiborna*, bebida fermentada que era bastante consumida nos puxiruns da região e muitas outras ferramentas confeccionadas de barro pelos moradores para a utilização dentro da comunidade.

O contato com produtos industrializados, como mantimentos e ferramentas para o preparo de terra para a lavoura, advinha da experiência de comércio com os moradores da Vila Curuai, que representava o centro de desenvolvimento da região do Lago Grande no século XX. O excedente resultante do extrativismo, caça, pesca e produtos da agricultura eram vendidos ou trocados entre os próprios moradores ou nas comunidades vizinhas e também ocorria, em alguns casos, o deslocamento para a revenda no comércio nos portos de Santarém, viagem realizada através de canoas grande à vela.

Atualmente, a comunidade é formada por aproximadamente 180 famílias e sua população conta com aproximadamente 1000 pessoas, tendo negros, pessoas de origem indígena e pessoas oriundas de outras regiões brasileiras em sua formação, sendo uma comunidade pacata em sua vivência com as demais vilas ao redor. O acesso à localidade é feito via fluvial, por barcos que fazem o transporte para Santarém, tanto de pessoas como de mercadorias e também facilitam o deslocamento entre as demais comunidades ribeirinhas. Pode ser também realizado por vicinais, estradas precárias que ligam a comunidade à Rodovia Translago, permitindo o acesso às demais comunidades localizadas no entorno da vila.

Sua economia é movida a pesca artesanal, base para a alimentação regional, tendo a inserção do frango industrial no cardápio; carne bovina e frutas da colheita natural ainda complementam o cardápio de algumas famílias, assim como a renda de servidores públicos, de pequenos comerciantes e alguns moradores com complementação de renda de programas do governo federal. Inanu possui uma localização geográfica estratégica, servindo como referência para as comunidades ao redor, tanto na área de saúde quanto educacional. Os comunitários possuem um razoável nível de escolaridade em comparação com as comunidades vizinhas, uma vez que a comunidade é contemplada com educação infantil, ensino fundamental e ensino médio modular.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Nos últimos anos, o crescimento acelerado da comunidade permitiu a ampliação no número de escolas na vila e também a instalação do sistema de Internet via rede Wi-Fi. A partir deste momento, os moradores estreitaram os laços com a globalização, permitindo que acontecimentos e fatos chegassem à vila de uma forma mais veloz do que os comunitários haviam visto antes. De acordo com Paris (2015), o conceito de globalização é amplamente discutido em várias áreas do conhecimento, assumindo assim diferentes significações. Em nossa pesquisa, entendemos o conceito de globalização alinhados com Santos (2000), Jacquemet (2005) e Kumaradivelu (2006) que conceituam a globalização como um processo multidimensional, que acontece em âmbito global e altera todas as esferas do mundo na modernidade recente, quais sejam: econômicas, políticas, sociais, culturais e linguísticas, dentre outras.

O impacto sociocultural pode ser testemunhado na comunidade de Inanu através da presença das redes sociais e pelos aplicativos de mensagem instantânea, que deram uma maior autonomia para o compartilhamento de dados, como notamos na rede social de uma moradora e participante deste estudo, publicando imagens de um dia de pesca no rio da comunidade. Sobre esta novidade incorporada à sua vida, a moradora destaca que:

“A chegada da internet na comunidade foi muito boa, pois isso facilita a gente ter contato com os parentes e amigos mais distantes, sem contar que dá para mostrar um pouco sobre o que vivemos e temos na comunidade. [...] através dessa internet podemos também pesquisar, algo que foi muito difícil para fazermos em tempos passados. Hoje temos muito mais facilidade para fazermos algo melhor”. (Patrícia, entrevista, 2018).

Os oito participantes desse estudo são moradores da comunidade e testemunhas da colisão de línguas e culturas (GARCIA, 2009), inerentes ao mundo globalizado que vivemos, em que o uso da comunicação digital proporciona a mobilidade de pessoas, em uma velocidade de tempo e espaço jamais vista na história, fronteiras linguísticas tornam-se mais e mais fluidas, favorecendo a mistura de línguas (MOITA LOPES, 2013; GARCÍA, 2009).

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Edson tem 16 anos, está no 3º ano do Ensino Médio e atualmente trabalha como agricultor, ajudando os pais na roça da família. Leila, 17 anos, está cursando atualmente o 3º ano do Ensino Médio. Não possui um trabalho como os demais participantes, apenas auxilia nas tarefas domésticas. Foi a entrevistada que mais apresentou contato com a língua inglesa; Lucas, 18 anos, afirma que o contato com a língua inglesa ocorreu na época em que estudava, mas também está presente em seu no dia-a-dia, através das músicas, filmes e televisão; Ana, 24 anos, possui ensino Superior completo. Teve contato com a língua inglesa dentro da Universidade, através de artigos para seu curso, afirma que seu nível de conhecimento de inglês é intermediário, realizado através das mídias sociais; Manu, de 23 anos tem o Ensino Médio completo, é mãe, agricultora e pescadora; Pedro, 22 anos, tem ensino médio completo, é casado e pescador; Patrícia, 33 anos, possui contato com a língua através dos meios de comunicação aos quais tem acesso, como rádio e televisão e Lene, 23 anos, mãe solteira, ensino médio completo, pescadora. Todos os participantes afirmaram que possuem contato com a língua através das músicas e mídias, tais como filmes, televisão e redes sociais.

De acordo com Wang (2014), o advento da internet e das tecnologias de comunicação móvel tem sido fundamental para este estágio de aceleração dos processos de globalização, adicionando uma camada hiperdinâmica de comunicação, conhecimento e mobilidade de informação aos níveis aumentados de mobilidade física humana. Na comunidade Inanu, a internet tem exercido papel fundamental nas interações, tanto globais quanto localmente situadas. As redes sociais são usadas diariamente para a divulgação de trabalhos que ocorrem na comunidade, tais como limpeza de ramais, reuniões da associação e divulgação de locais que estariam vendendo peixes em dias de semana, por exemplo.

Houve também a criação de perfis em redes sociais para as linhas de barcos que fazem viagem para Santarém e comunidades vizinhas, divulgando os horários de saída e volta das viagens. Essas relações de moldar-se às novidades tecnológicas explicam o conceito de globalização na visão de Held et al (1999), para quem a globalização se refere àqueles processos que atravessam fronteiras

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo mais interconectado.

Tais conexões com o mundo virtual abriram as portas para novas experiências culturais, e muitas delas, são com a cultura pop. Essa proximidade com a cultura pop permitiu que Edson, um dos participantes da pesquisa, aprofundasse o contato com um mundo que ele só tinha acesso pela programação do rádio, que eram as músicas internacionais. Ele afirma que a chegada da internet na comunidade permitiu que uma variedade de formas de entretenimento chegasse até ele, tais como filmes, músicas e séries.

Quando perguntado sobre as preferências de idiomas nesse contato, ele afirmou: “tenho preferência em ver legendado, porém divido o celular com o meu pai, então nós assistimos dublado... sobre músicas, vejo muito clipes de músicas internacionais, mas minha preferência musical é mais pelo reggaeton” (EDSON, entrevista, 2018). A participante Leila também afirma que a tecnologia a auxilia muito nas disciplinas da escola: “A internet e o celular estão tendo muito uso em minha casa. Dá para fazer as pesquisas para a escola e também sair do comodismo da TV aberta e assistir algo que seja do meu gosto na internet, como filmes com temáticas religiosas” (LEILA, entrevista, 2018).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A perspectiva teórico-metodológica que permite contemplar formas de comunicação em áreas rurais, espaços ainda pouco considerados na agenda de pesquisa sobre globalização (WANG *et al.*, 2014, p. 25) é a pesquisa de cunho etnográfico. Neste estudo, inspirados em Heller (2008), para quem a etnografia nos permite entender coisas que não seríamos capazes de descobrir seguindo outras perspectivas, como por exemplo, descobrir como e por que as línguas importam para as pessoas em seus próprios termos, utilizamos aspectos que fazem parte da pesquisa de cunho etnográfico, tais como a imersão no local de pesquisa, observações de campo, uso de entrevistas (gravações orais), questionários e diários de campo para buscar compreender as percepções que os participantes têm da língua inglesa.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Segundo Mattos (2011, p. 02), a pesquisa de cunho etnográfico tem três objetivos principais: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. Contudo, ressaltamos que este trabalho utiliza apenas alguns aspectos da pesquisa de cunho etnográfico, pois sabe-se que o trabalho etnográfico demanda mais tempo de imersão dentro do campo onde a pesquisa será realizada, ponto de vista sustentado tanto pela etnografia mais tradicional (GEERTZ, 1989; LÉVISTRAUSS, 1988) quanto a mais moderna (ERIKSON, 1992; MEHAN, 1992; WILLIS, 1977), envolvem longos períodos de observação, um a dois anos, preferencialmente. A pesquisa etnográfica é qualitativa, pois visa estudar os sujeitos em seus cenários naturais, tendo nesse trabalho uma série de ferramentas à sua disposição. Denzin e Lincoln (2006, p. 17), consideram a pesquisa qualitativa como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Logo:

a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais (2006, p. 17)

Mattos (2011, p. 3), corrobora as ideias de Denzin e Lincoln (2006), em relação ao estudo etnográfico como visão de estudo do sujeito enquanto parte de uma sociedade. Na sua visão:

a etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio-interacionais (MATTOS, 2011, p. 3).

Neste trabalho, para a análise dos resultados obtidos dentro dos questionários e conversas com os participantes, seguindo a ideia de Garcez; Bulla; Loder (2014, p. 6), utilizamos o termo 'geração' ao invés de 'coleta' de dados por entendermos tal como os autores citados "que a vida social que nos interessa

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

compreender é em si evanescente e que não pode ser captada integralmente por nenhum aparelho ou método de gravação” (GARCEZ ET AL, 2014).

Procuramos focar o estudo nos participantes e as visões que estes possuíam acerca da língua, buscamos destacar o ribeirinho como sujeito histórico ativo na sociedade, dada a sua importância na construção da histórica amazônica e o seu papel primordial como participante dentro da pesquisa. A busca por esse tema surgiu em razão de serem poucos ou quase nenhum os estudos de caráter linguísticos, relacionados à língua inglesa, em comunidades no interior da Amazônia, onde a língua é vista apenas com suas regras gramaticais e não leva em consideração a formação do indivíduo como ser ativo e participante da língua, da sociedade local e global onde ele está localizado.

Os participantes responderam a um questionário que também serviu como guia para a conversa que foi gravada na comunidade. As entrevistas ocorreram nas casas de alguns, bem como na escola e praça da vila já que buscamos locais onde os participantes se sentissem confortáveis para falar e que também pudéssemos conversar sem ocorrerem interrupções.

4. A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE INANU

Ao aplicar os questionários, introduzimos aos participantes a noção de “língua adicional”, baseada nas ideias de Leffa e Irala (2014) para quem língua adicional “é a língua que é uma adição a outra(s) língua(s) já presentes no repertório do indivíduo”, questionando o que seria uma língua adicional para os participantes. A maioria dos participantes pareceu entender e concordar com esse novo jeito de pensar a língua, respondendo, inclusive, que o inglês seria “mais uma língua pra falar” (Lucas, entrevista, 2018); “uma nova língua dentro dos meus conhecimentos” (Manu, entrevista, 2018) e “algo que eu posso adicionar pra mim” (Pedro, entrevista, 2018).

Também foi identificado que os participantes entendem a língua inglesa como uma possibilidade de conexão com pessoas de realidades fora do seu contexto social e uma forma de adquirir mais conhecimento sobre o mundo. Alguns

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

participantes foram categóricos ao afirmar que o domínio da língua inglesa é um dos fatores que a sociedade atual pede para estabelecer uma conexão com o mundo moderno, conceito este que parece ser comum para todos os participantes, como se vê na fala da moradora Manu:

“No mundo atual, é imprescindível, o domínio da língua inglesa, pois hoje ela é mundialmente conhecida (...) Aprender esse idioma é importante, pois desenvolve o conhecimento, a construção da personalidade em outras culturas e facilita a comunicação com outros indivíduos.” (Manu, entrevista 2018).

Os participantes, antes imersos em suas práticas de linguagem localmente situadas afirmam que, com a chegada da energia vinte quatro horas, tudo mudou. O contato com outras línguas e culturas foi possibilitado pelos filmes (em formato de DVD) e pela programação musical da TV aberta. A partir dessa chegada então, os participantes passaram a construir suas vidas a partir de um novo cotidiano cultural e linguisticamente diverso.

Ademais, a ideia de ter o domínio de mais uma língua representa, para a maioria dos entrevistados, a possibilidade de ter mais um ponto de fala e ser escutado; todos os participantes veem a língua como uma forma de se ter contato com outras culturas, seja pelo meio virtual ou pessoalmente. Para Lucas, por exemplo, além de viajar e conhecer outras culturas, o domínio de uma língua adicional daria autonomia para desenvolver-se culturalmente:

“Ter a fala em outra língua me dá a chance de conseguir sucesso, uma evolução. É a oportunidade de conhecer outros países de outras culturas, sendo o inglês a língua mais falada do mundo.” (Lucas, entrevista, 2018).

Percebemos também, através das entrevistas, a ideia de língua como um poder simbólico, que traz “*status*” ao falante, dialogando com os dados de Cox e Assis-Peterson (1999) onde seus participantes se sentiam “respeitados” e “valorizados” ao falarem a língua inglesa. Na fala de Pedro, participante deste estudo:

“Falar uma língua estrangeira, o inglês, deve ser uma sensação boa, né? Você é visto como melhor, logo a cultura deles também, é, não é? (Pedro, entrevista, 2018).

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Foi interessante observar a disparidade de ideias em relação aos poderes simbólicos e de “superioridade” em relação ao domínio de uma língua adicional. Alguns participantes não creem na ideia de que se comunicar em uma língua diferente da língua materna seja questão de poder; eles a veem como algo que é capaz de alçar possibilidades maiores em suas vidas, sem a característica de ser superior ao outro. Lucas destacou o seguinte:

“Ter a fala em outra língua me dá a chance de conseguir sucesso, uma evolução. É a oportunidade de conhecer outros países com outras culturas, sendo o inglês a língua mais falada do mundo [...] você liga a tv e vê um monte de propaganda de cursinhos online e presencial. Falar inglês se tornou algo bom de se ter no seu currículo, né? Você se torna valorizado pelo trabalho [...]” (Lucas, entrevista, 2018).

Lucas aparentou ter consciência de que alguma maneira, na atualidade, o conhecimento se tornou uma forma de comércio, a julgar pela quantidade de propaganda de cursos presenciais e de forma virtual, reconhecendo a instrumentalização do inglês, tão forte e intensamente propagada pelas “indústrias de línguas” (HELLER, 2005, p. 5). Para esse participante também, o domínio da língua inglesa pode ser interpretado como um recurso para o seu dia-a-dia:

“Se a gente soubesse mais da língua, ia ser útil em casa, por exemplo, quando ouço uma música internacional no rádio, na novela ou nos filmes. Já teve equipamentos para o trabalho aqui em casa que veio com as instruções em inglês era [...] um motor de rabetá; a gente não sabia ler, então foi na base da experiência.” (Lucas, entrevista, 2018).

Importante ressaltar também que a recente conexão com mundo virtual na comunidade de Inanu levou os moradores a descobrirem mais uma forma de ter o mundo em casa sem precisar sair da comunidade. As redes sociais permitiram o alcance maior com outras pessoas, regiões brasileiras e pessoas ao redor do mundo bem como os aplicativos que auxiliam a prática do inglês como o Duolingo e o próprio tradutor do Google. Sobre isso Leila disse:

“Minha experiência com um nativo da Língua Inglesa foi em uma conversa de rede social. A conversa foi até onde meu conhecimento da língua chegava, onde permitia essa comunicação.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

Digamos que me saí bem para alguém que não tem conhecimento profundo nesse idioma.” (Leila, entrevista, 2018).

Leila afirmou que seu sucesso em sua negociação de significado se deveu ao fato de que ela não temeu a possibilidade de fracassar nesse contato em primeira mão com um nativo e que apesar do “pouco conhecimento da língua” que ela garantiu ter. Já Ana, por ser universitária, tem acesso a artigos acadêmicos em língua inglesa, por essa razão, afirmou que:

“aqui na comunidade, agora com a internet, o contato com a Língua Inglesa está sendo menos restrito às pessoas e mais abrangente” (Ana, entrevista, 2018)

Para a participante Lene, “aprender inglês é importante, pois desenvolve o conhecimento, a construção da personalidade, o conhecimento de outras culturas e também facilita a conversação com pessoas de outros países.” Na língua inglesa, ela se vê como uma pessoa que tem o domínio básico do idioma, mas também como alguém que pode construir algo material e emocional pra si; ressaltando isso na entrevista ela diz:

“no mundo atual, é imprescindível, o domínio da língua inglesa, pois hoje ela é mundialmente conhecida. Aprender esse idioma é importante, pois desenvolve o conhecimento, a construção da personalidade em outras culturas e facilita a comunicação com outros indivíduos” (Lene, entrevista, 2018).

Os moradores participantes da pesquisa se mostraram confortáveis ao falar sobre o predomínio da língua inglesa na sociedade; para cada um deles, representa uma característica individual do que eles objetivam caso tenham domínio da língua. Para eles, essa pode ser considerada a última barreira dentro da visão de um mundo moderno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções dos oito participantes deste estudo, todos moradores da comunidade Inanu, na região do Lago Grande, município de Santarém, no estado do Pará, estão ligadas à aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal e o interesse em manter contato com outras culturas. A práticas linguísticas ocorrem dentro destes parâmetros, com ajuda de aplicativos e com o vocabulário que eles

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

têm acesso nas salas de aula. O contato com outras pessoas falantes desta língua se dá através das redes sociais e como os participantes ressaltaram, essa comunicação engloba o conhecimento básico da língua que eles possuem. Corroborando as ideias de Rocha e Maciel (2015), para quem em uma era globalizada, as conexões transnacionais mostram-se continuamente ressignificadas e reconfiguradas, também foi notado que os participantes não mais se definem apenas dentro de fronteiras linguísticas, geograficamente e socialmente impostas, evidenciando a acentuada ruptura com as noções de tempo, espaço e fronteiras que marca a atualidade (ROCHA E MACIEL, 2015).

De acordo com Lucena (2015), o desafio posto na contemporaneidade envolve a busca do entendimento sobre como as pessoas agem no mundo, fazendo uso de várias línguas ao atuarem em seus contatos transnacionais e globais, mas sem se descuidarem de suas ações localmente situadas. O desafio envolve, portanto, ainda de acordo com a autora, a necessidade de entendimento do ensino de línguas em diferentes contextos históricos e geográficos, a partir de concepções políticas e históricas de linguagem. Tendo essas ideias em mente e a partir de uma etnografia da linguagem, para então “partir do interesse nas vidas e perspectivas das pessoas que tinham muito pouca ou nenhuma voz na sociedade” (ERICKSON, 1990, p. 86), neste trabalho, podemos entender que a língua inglesa na comunidade de Inanu, contexto macro desta pesquisa, tem uma forte presença, ainda que a comunicação não esteja em sua totalidade na opinião dos participantes.

Blommaert (2010) destaca a importância de serem reconhecidas as transformações vivenciadas pelas sociedades contemporâneas num mundo altamente globalizado e, conseqüentemente, de paisagens semióticas cada vez mais móveis e complexas. Na comunidade de Inanu a internet tem presença vibrante e, junto com ela, veio a colisão de línguas e culturas (GARCIA, 2009), proporcionada justamente pela tecnologia. Percebemos também que ainda há o mito do ‘saber outro idioma faz alguém ser superior ao semelhante’. É um fenômeno histórico, contextualizado e aplicado desde o período colonial, ter a conceituação de que povos de etnias diferentes são piores ou melhores que outros.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

A perspectiva pós-colonial, perspectiva essa a qual este estudo se baseia, busca quebrar o mito da superioridade colonial e dar voz aos povos que foram postos na periferia e tirados do centro da história contada pelo 'descobridor'. Seja na literatura ou nas perspectivas etnográficas, estudar a visão do colonizado e dar a ele o poder de trazer ao mundo a sua versão da história, é o trabalho de pesquisadores e da nova geração acadêmica.

REFERENCIAS

ARENZ, Karl. **Filhos e filhas do beiradão: a formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: Faculdade Integrada do Tapajós, 2000.

BISPO, Célia Ferreira. **O plano de aula de inglês: uma análise a partir da necessidade adequação ao contexto das escolas no campo**. In: BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras. ISSN: 2238-5754 – n. 11, ago./dez. de 2016.

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Coisas da roça. In: <<https://www.coisasdaroca.com/coisas-antigas-da-roca/tipiti.html>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

COX, Maria. Ines. Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana. Antonia. (1999). Critical pedagogy in ELT: Images of Brazilian teachers of English. **TESOL Quaterly**, 33(3), 433-452.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna . **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ERICKSON, Frederick. Qualitative Methods. In: ERICKSON, Frederick.; LINN, Robert. (Org.). **Research in teaching and learning**. vol. 2. New York: Collier Macmillan, 1990.

ERICKSON, Frederick. Ethnographic microanalysis of interaction. LECOMPTE, Margaret. Diane; MILLROY, Wendy; PREISSLE, Judith. (Ed.). **The Handbook of Qualitative Research in Education**. New York: Academic Press, pp. 201-226. 1992.

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela da Silva; LODER, Letícia Ludwig. **Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos (Microethnographic research practices: generating, segmenting and transcribing audiovisual data as fullfl edged analytic procedures)**. DELTA. vol.30 no. 2. São Paulo. jul./dez. 2014.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

GARCIA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st century: a global perspective.** [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** LTC: Rio de Janeiro, 1989.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Trad: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HELD, David.; MCGREW, Anthony; GOLDBLATT, David; PERRATON, Jonathan. 1999. **Global Transformations: Politics, Economics and Culture.** Cambridge: Polity Press.

HELLER, Monica. Language, skill and authenticity in the globalized new economy. **Noves SL: Revista de sociolingüística**, n. 2, p. 1-7, 2005.

HELLER, Monica. (2008). Doing Ethnography, in **The Blackwell Guide to Research Methods in Bilingualism and Multilingualism** (eds L. Wei and M. G. Moyer), Blackwell Publishing Ltd., Oxford, UK.

JACQUEMET, Marc. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**. vol. 25, Issue 3, p. 257-277, July 2005.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, p.129-148.

LEFFA, Vilson José; IRALA, Valesca Brasil. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil.** pp. 21-48. Pelotas: Educat, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** Barcelona: Paidós, 1988.

MATTOS, Carmem Lucia Guimaraes. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG e CASTRO, PA. orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: Scielo Books <<http://books.scielo.org>>. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MEHAN, Hugh. Understanding inequality in schools: the contribution of interpretative studies. **Sociology of Education**, v. 62, nº 1, 1992.

MOITA LOPES, Luis. Paulo. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente:** Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

PARIS, Bianca Campos de. **Colisão de identidades, culturas e linguagem:** um estudo etnográfico em uma comunidade de descendentes de russos. 171 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Linguística. – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

A LÍNGUA INGLESA FALADA, VIVIDA E INTERPRETADA NA COMUNIDADE DE INANU

ROCHA, Claudia. Hilsdorf., & MACIEL, Ruberval. Franco. **Ensino de língua estrangeira como prática translíngue**: articulações com teorizações bakhtinianas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 31(2), 411-445, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

STUART, Hall. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, 2006.

WANG, Xuan; SPOTTI, Massimiliano; JUFFERMANS, Kasper; CORNIPS, Leonie; KROON, Sjaak; BLOMMAERT, Jan. **Globalization in the margins**: toward a reevaluation of language and mobility. *Applied Linguistics Review*, vol. 5, n. 1, p. 23-44, 2014.

WILLIS, Paul. **Learning to labor: working class kids get working class jobs**. Farnborough, Eng: Saxon House, 1977.